

#PraCegoVer: um diálogo sobre redes sociais, deficiência visual e outras cegueiras

Por: Patrícia Silva de Jesus

No Brasil existem hoje mais de 6,5 milhões de pessoas com deficiência visual, sendo 585 mil totalmente cegas (IBGE, 2010). Elas estão em toda parte: no serviço público, na iniciativa privada, nas escolas, nas redes sociais, comem, vestem, passeiam, usam o Facebook, assistem a programas de TV, consomem, vão ao dentista, ao pediatra, ao geriatra, mas são ignoradas por escolas, instituições, empresas, como se estivessem revestidas por um manto de invisibilidade. Esta situação faz emergir uma questão: onde está mesmo a cegueira?

“Estigmatizadas pela tradição visuocêntrica que, automaticamente, associa “ver” a “conhecer”, as pessoas com deficiência se tornaram alvos de mitos e meias verdades que as colocam em extremos: ora são os super-humanos com percepção ultra-aguçada, para compensar a ausência da visão, ora são completamente desconhecedoras da realidade pelo fato de seus olhos não poderem cumprir a tarefa fisiológica de enxergar. Como a visão é responsável por cerca de 80% das informações imediatas que um ser humano pode captar no mundo, a pessoa desprovida desse sentido estaria alheia a uma enormidade de experiências, sobretudo no universo gráfico/imagético, onde predomina a máxima de que “uma imagem vale por mil palavras””. (JESUS, 2016)

Repensar e ressignificar os conceitos de ver/enxergar é uma nova postura que timidamente vem apontando para a proposta das tecnologias assistivas na área da deficiência visual (aquelas criadas para facilitar a vida das pessoas com visão limitada). Aos poucos a ideia de que as artes visuais, o cinema, a escrita e o mundo imagético em geral também pertencem aos cegos vem se aproximando da sociedade e, a passos lentos, recursos de descrição de imagens, como a legenda audiodescrita para filmes, são disponibilizados:

“Há um longo caminho a ser percorrido para que a indústria audiovisual brasileira entenda o real significado de acessibilidade. O mais espantoso é que ela parece ainda não ter percebido a potencialidade do público cego e surdo enquanto consumidor de produtos audiovisuais. O exercício da acessibilidade ao audiovisual só será pleno quando houver a inclusão desses cidadãos brasileiros”. (FRANCO, 2006)

Uma das principais formas de interação humana se dá, hoje, por meio das redes sociais. Em 4 de janeiro de 2012, aniversário de Louis Braille, inventor do Sistema Braille de leitura e escrita em relevo, lancei no Facebook (www.facebook.com/PraCegoVer), onde sou chamada “Patrícia Braille”, uma campanha cujo objetivo é a descrição das imagens publicadas na internet, através da

técnica da audiodescrição, favorecendo o acesso daqueles que não enxergam, mas desejam e estão, sim, participando de todas as redes sociais com o auxílio de programas específicos que transmitem, em forma de áudio, todo o conteúdo textual da tela do computador. O grande problema para os cegos é que esses programas só conseguem ler textos e não imagens, daí a importância de realizarmos uma descrição do conteúdo imagético que será publicado na internet.

Audiodescrição é uma tradução que consiste em transformar imagens em palavras, obedecendo a critérios de acessibilidade, respeitando as características do público a que se destina. É produzida, principalmente, para pessoas cegas e com baixa visão, mas tem beneficiado outras como as com dislexia, deficiência intelectual ou com déficit de atenção, por exemplo.

Para acompanhar as descrições das imagens, criei uma *hashtag* provocadora: #PraCegoVer. O termo carrega em si o princípio de que a cegueira, às vezes, está nos olhos de quem enxerga. Ele se refere ao cego que não enxerga a imagem e ao vidente que não enxerga o cego. Elaborei uma instrução sobre o projeto e um guia inicial de como fazer as descrições. Dia a dia os resultados começaram a surgir e mais pessoas entravam em contato para saber mais acerca de como descrever corretamente.

As instruções sugeridas foram, em parte, baseadas na Nota Técnica n.º 21 (2012), da qual sou co-autora, que traz “Orientações para descrição de imagem na geração de material digital acessível – Mecdaisy”. Contudo, como as redes sociais exigem uma linguagem mais dinâmica e menos formal, para a produção de textos descritivos para fotografias, histórias em quadrinhos, charges, ilustrações etc, os internautas foram instruídos a:

- A) Colocar a hashtag #PraCegoVer.
- B). Anunciar o tipo de imagem: fotografia, cartum, tirinha, ilustração...
- C) Começar a descrever da esquerda para a direita, de cima para baixo [a ordem natural de escrita e leitura ocidental]
- D) Informar as cores: Fotografia em tons de cinza, em tons de sépia, em branco e preto [se a foto for colorida, não precisa informar “fotografia colorida”, porque você vai dizer as cores dos elementos da foto na descrição e a indicação ficará redundante. Se você já vai dizer que a moça está de casaco vermelho, ao lado de flores amarelas, não preciso dizer que a foto é colorida].
- E) Descrever todos os elementos de um determinado ponto da foto e só depois passar para o próximo ponto, criando uma sequência lógica.
- F) Descrever com períodos curtos [se posso falar com 3 palavras, não vou usar 5].
- G) Começar pelos elementos menos importantes, contextualizando a cena, e ir afunilando até chegar ao clímax, no ponto chave da imagem.

Figura 1:



#PraCegoVer

Descrição da imagem: Sobre um fundo branco escrito em Braille, está um emoji irônico, na cor amarela, usando óculos “Turn down for what”. Imediatamente abaixo, em letras brancas com contorno preto, a hashtag #PraCegoVer, seguida da autoria: Por Patrícia Braille. Fim da descrição.

No final de 2013, com a minha nomeação para coordenar a Educação Especial na Secretaria da Educação do Estado da Bahia, passei a disseminar a prática em outras Secretarias, propondo parcerias para realização de oficinas. A Secretaria de Justiça, A Defensoria Pública, o Ministério Público da Bahia e até a Assembleia Legislativa sediaram a oficina #PraCegoVer, com participação de técnicos, jornalistas e assessores de imprensa e mídias sociais de múltiplos órgãos do Governo.

Estabeleci parcerias com secretarias de estado e instituições públicas e privadas e ministrei, gratuitamente, aulas de descrição de imagem para professores, jornalistas, estudantes com ou sem deficiência visual.

O contato com a metodologia da Oficina #PraCegoVer, que inclusive permite a qualquer pessoa vidente a leitura e escrita do Braille em 30 minutos, é uma oportunidade de sensibilizar os profissionais, que sempre comentam ao final: “Eu deixei de ser cego hoje”. É certo que essas pessoas saem tocadas e invariavelmente melhoram suas práticas não apenas nas redes sociais, mas na vida como um todo. Depois de aprender a descrever imagens nas redes sociais, os professores, por exemplo, adotam esta prática em sala de aula, favorecendo a inclusão das pessoas cegas.

Figura 2:



#PraCegoVer

Tirinha dividida em 3 quadros feitos de caneta preta sobre fundo branco, retratando Glauco Rocha, homem de sobrancelhas grossas, rosto arredondado, narigudo e com barba por fazer. Usa, na cabeça, uma câmera filmadora semelhante a um boné, óculos escuros, camiseta e calça. Tem entre os lábios um cigarro soltando fumaça. Ele está ao lado de uma repórter de cabelos curtos, usando blazer, saia e scarpin. Ela segura um microfone.

Q1: O nome do personagem, Glauco Rocha, aparece no topo. Imediatamente abaixo, recuado à direita, a indicação da autoria: Por Paulo Schmidt. No centro, o rosto de Glauco em close. No rodapé do quadrinho, os dizeres: Uma câmera na cabeça e uma ideia na contramão.

Q2: A repórter aponta o microfone para Glauco e pergunta: Qual o seu objetivo ao fazer seu novo filme, "Apagão?". Glauco, com a mão esquerda no bolso e a direita segurando uma bengala, responde sem tirar o cigarro da boca: Compartilhar minha visão de mundo.

Q3: A repórter insiste: Mas não dá para enxergar nada nele! Glauco rebate: Eu sou cego, o que você esperava? Fim da descrição.

Com a expansão da iniciativa, a ideia que nasceu na Bahia hoje é seguida por instituições públicas e privadas de todo o Brasil e também por poderosas multinacionais, a exemplo de Google, Coca-Cola, Avon, Maybelline NY Brasil, Rayovac Brasil, Conselho Nacional de Justiça (CNJ), Ministério Público Federal, Clube de Regatas do Flamengo, Skol, Prefeitura de São Paulo, SamSung, Bradesco, Postos Petrobrás, OAB de Joinville etc.

Em 2017 foi publicada a Lei Municipal de Fortaleza, nº 10.668, que trata, dentre outros assuntos, da acessibilidade e da obrigatoriedade da descrição #PraCegoVer. Já em 2018 o Projeto #PraCegoVer foi adotado em Portugal, com uma suave alteração da hashtag, que lá é grafada "#ParaOsCegosVerem".

A principal mensagem do projeto #PraCegoVer é: "Você pode fazer acessibilidade com os recursos que dispõe". Todas as pessoas que enxergam podem descrever uma imagem para um cego, quando bem orientada.

Referências

BRAILLE, L.; GOLDSTEIN, D. FUNDAÇÃO DORINA NOWILL PARA CEGOS. *Cartas De Louis Braille*. São Paulo: Fundação Dorina Nowill para cegos, 2005.

BRASIL. *Decreto nº 7.084, de 27 de janeiro de 2010*. Dispõe sobre os programas de material didático e dá outras providências. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7084.htm. Acesso em: 13 jun. 2015.

BRASIL. Projeto Livro Acessível. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=17435:projeto-livro-acessivel-novo> Acesso em: 13 jun. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. *Nota Técnica Nº 21 / 2012 / Mec / Secadi /DPEE*. Orientações para descrição de imagem na geração de material digital acessível – Mecdaisy. Brasília: 2012.

FRANCO, E. P. C. 2007 Dec 9. Legenda e áudio-descrição na televisão garantem acessibilidade a deficientes. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 58, n. 1, p. 12-13, jan./mar. 2006. Disponível: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 jun. 2015.

INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT. Disponível em: <http://www.ibc.gov.br/Nucleus/index.php>. Acesso em: 10 jun. 2015.

JESUS, P. S. de. *Inclusão ponto a ponto: a inclusão social da pessoa com deficiência visual através da produção escrita*. Paraíba: [s.n], 2007.

MASINI, E. F. S. *O perceber e o relacionar-se do deficiente visual*. Brasília: CORDE, 1994.

OLIVEIRA, R. F. C. de. Por que os livros em Braille são necessários? *Revista Benjamin Constant*, n. 34, p. 37, ago. 2006.